

XXVIII—EM CASA DE CESÁRIO

Ah! a perspectiva que pode mais docemente sorrir ao meu coração é a do aniquilamento.
(Klopstock, A Messiada)

Cirino, logo que se estabeleceu em casa do seu novo hospedeiro, tratou de lhe captar as simpatias. Medicou um escravo que estava de cama, fez valer o conhecimento e amizade que tinha com

Pereira, conversou muito a respeito dele e incidentemente deu notícias de Inocência.

Atalhou-o Antônio Cesário neste ponto.

—Mecê a viu? perguntou ele.

—Pois não, respondeu o moço, por sinal que a curei de sezões.

—Ah! É uma guapa rapariga...

—Parece-me...

—Isso é... falo assim, porque afinal... daqui a poucos dias está casada... não sabe?

—Ouvi contar.

—Pois é verdade. O noivo passou por cá e levou a minha licença. É homem de mão-cheia. A pequena deve estar contente. Ah! nem todas no sertão são felizes assim. Tem-se por aqui o mau vezo de arranjar casamentos as cegas, e às vezes se encambulha um mocetão com uma fanadinha ou então uma sujeita de encher o olho com algum rapaz todo engrouvinhado. . . Cruz! E, uma vez dada a palavra, acabou-se...

Achou Cirino a ocasião própria e redargüiu com vivacidade:

—Então o senhor não é desse parecer.

—Conforme, respondeu logo Cesário com reserva. Aos pais é que convém inzinhar essas coisas.

—Boa dúvida... Mas... se... sua afilhada... não gostasse de Manecão?

—Não gostasse?

—Sim.

—E que nos importa isso? Uma menina como ela não sabe o que lhe fica bem ou mal... Ninguém a vai consultar. Mulheres, o que querem é casar. Não ouviu já o patrício dizer que elas não casam com carrapato, porque não sabem qual é o macho?

E Cesário sorriu.

Depois, fechando de repente a cara, perguntou:

—Por que é que estamos a dar de língua nesse particular? Não sou amigo disso. Quer-me parecer que mecê é um tanto namorador. . .

—Eu? protestou Cirino com vivacidade.

—Boa dúvida. Eu cá nem falar nelas quero. Mulher é para viver muito quietinha perto do tear, tratar dos filhos e criá-los no temor de Deus; não é nem para parolar-se com ela, nem a respeito dela.

Sempre as mesmas teorias de Pereira: a mesma grosseria repassada de desprezo ao sexo fraco, a mesma suscetibilidade para desconfiar de qualquer pessoa ou de qualquer palavra que lhes parecesse menos bem soante aos prevenidos ouvidos.

—Minha afilhada, continuou Cesário, deve levantar as mãos para o céu. Achou um marido que a há de fazer feliz e torná-la mãe de uma boa dúzia de filhos.

Estremeceu Cirino, mas nada disse.

Por toda a parte esbarrava de encontro a preconceitos que nada podia vencer.

Nessa mesma tarde quis montar a cavalo e voltar para Sant'Ana entretanto, o pensamento da resistência com que Inocência encetara a terrível luta com seu pai, atuou em seu espírito e o reteve.

Decidiu-se a atacar o touro pelas aspas.

Restar-lhe-ia ao menos o consolo do desabafo, e num jogo perdido arriscava ainda ousado lance.

—Sr. Cesário, disse ele na manhã seguinte, preciso muito falar-lhe em particular.

—A mim?

—Sim, senhor.

—Pois, estou aqui às suas ordens.

—Quisera que saíssemos. O que lhe vou dizer... ninguém pode... ninguém deve ouvir.

—Oh! O senhor me assusta... Então tem segredos que me contar?

—Tenho...

—Pois vá lá... Mapiaremos fora... Ao meio-dia esteja na minha roga... sabe onde é?

—Sei...

— Espere-me num pau de peroba seco que está derrubado.

—Lá estarei.

Muito antes da hora aprazada, achava-se Cirino no lugar indicado.

Devorava-o a impaciência.

Resolvido a desvendar sem reboço os seus amores a esse homem a quem mui conhecia, que por ele não tinha senão razões de passageira simpatia, e de quem, contudo, estava dependente sua felicidade, considerava decisivos os momentos.

Quem em tais circunstâncias se acha, enxerga em tudo quanto o rodeia sintomas de bom ou mau agouro, e nesse instante a Cirino pouco parecia sorrir a natureza.

Não chovia; mas o tempo estava carregado e sombrio.

Tinha o céu cor acinzentada e do lado do poente linhas negras e continuas denunciavam trovoadas talvez para a tarde.

Era o local, além disso, tristonho. Enfileiravam-se numa grande área, pés de milho já pendoados, dentre os quais surgiam possantes madeiros de tronco rugoso e galhada completamente despida de ramagem, uns, da base à extrema ponta, lugubrememente enegrecidos pelo fogo lançado antes da sementeira; outros perdidas todas as folhas em consequência da incisão profunda e circular com que o machado impedira a ascensão da selva. Esses quedavam vivos mas de uma vida latente e esmorecida, denunciada por entangidos brotos no mais alto do tope.

Quando o dia é claro, aqueles gigantes da floresta, que pela robustez do cerne haviam desafiado as chamas e os esforços do homem, servem de poleiro a inúmeros bandos de papagaios, periquitos, arajaris, ou de graúnas que formam concertos capazes de ensurdecer os ecos.

Naquela ocasião, porém, tudo era silêncio.

Só de vez em quando se ouviam pancadas surdas e intermitentes dos pica-paus de crista vermelha, agarrados aos troncos das árvores e a explorar-lhes os pontos carunchosos, subindo em ziguezagues.

A hora ajustada, apresentou-se Antônio Cesário.

Por cautela vinha armado de uma espingarda de caça, que bem serviria para derrubar alguma onça, ou animal daninho.

Seu rosto, habitualmente sereno, indicava certa inquietação, repassada de curiosidade.

—Aqui me tem, doutor, disse ele descansando a arma sobre o pau derrubado e sentando-se ao lado de Cirino. Estou pronto para ouvi-lo quanto tempo queira...

Muito pensara Cirino nesse momento a que devia chegar e, entretanto, não pudera achar o modo por que encetasse as suas declarações. Parafusara de continuo mil pretextos sem nada assentar

Foi, pois, a balbuciar que respondeu:

—O Sr... há de me desculpar... o incômodo que... lhe dou. .

—Incomodo nenhum.

—E deve estar... espantado do que lhe pedi... vir falar comigo... em lugar ermo... comigo que sou como qualquer hospede. como tantos que sua casa tão franca todos os dias recebe

—Com efeito, confirmou Cesário.

—Pois bem, daqui a nada tudo lhe ficará claro e explicado . Se enquanto eu falar... o ofender, perdoe-me, ouviu?

Sr. Cesário, continuou Cirino após breve pausa, se o Sr. visse um homem arrastado numa corredeira e pudesse atirar-lhe uma corda e salvá-lo... o faria?

—Boa dúvida, replicou o outro com força. Ainda que corra perigo de vida, não deixarei homem nenhum, branco ou preto, livre ou escravo, rico ou pobre, conhecido ou não, sem o socorro de meu braço.

—Pois bem, exclamou Cirino arrebatadamente, sou eu esse homem que vai morrer, que está perdido e a quem o Sr. pode salvar...

E respondendo à tácita suspeita de quem o ouvia:

—Não acredite que esteja doido... não. Estou tão são de juízo como o Sr. e falo-lhe a verdade. Uma palavra esclarece-lhe tudo... eu morro de paixão por uma mulher e essa mulher é... sua afilhada! . . . Inocência!

De um pulo levantou-se Cesário. Seus lábios tremiam, os olhos de súbito injetados de sangue. A mão procurou a arma que lhe ficava ao lado.

—Que é isso? balbuciou encarando fixamente Cirino.

Adivinhara-lhe este todos os pensamentos.

Erguera-se também, cara a cara com Cesário:

— Mate-me, bradou ele, mate-me... E um favor que me faz.. Dê cabo desta vida desgraçada.

Já arrependido do gesto que fizera e um tanto corrido de sua precipitação, replicou o outro todo sombrio:

—Não tenho razões para matá-lo... O Sr. nunca me fez mal...

—Não, prosseguiu Cirino no meio desvairado, peço-lhe por favor... Se o Sr. tem caridade, e é bom, "se gosta de seus filhos, se tem pai e mãe no céu... por tudo isso eu lhe peço de joelhos! mate-me... mate-me!

E deixou-se cair aos pés de Cesário, ocultando a cabeça entre as mãos.

Contemplou-o largos instantes o mineiro com surpresa.

Inclinando-se para o moço, bateu-lhe no ombro e quase com brandura lhe disse:

— Que história é essa, doutor?... Isso é loucura! Conte-me que há... Quero saber se a sua bola está girando ou não. Sou homem do sertão, mineiro de lei... mas sei tratar com gente...

A estas palavras, recobrou Cirino algum alento e pôs-se de pé.

Sentando-se então ao lado de Cesário, narrou-lhe tudo, o desespero que o minava, a certeza que tinha do amor de Inocência e a implacável sentença preferida por Pereira.

Ouvia-o Cesário atentamente. Só de vez em quando deixava escapar esta exclamação:

— Ah! mulheres!... mulheres! É a nossa perdição.

Depois que Cirino acabou de falar, encarou-o detidamente e, com ar severo, perguntou:

—Fale-me a verdade, doutor, o senhor nunca trocou palavra com Inocência?

Nunca estive só com ela?

— Estive, respondeu o outro meio receoso.

As faces de Cesário subiu uma onda de sangue.

—Então, rouquejou ele, a desgraça...

—Deus meu, atalhou Cirino com fogo, caia a alma de minha mãe no inferno, se Inocência não é pura... se...

Conteve-o Cesário com um gesto.

—Basta moço: quem jura assim, não mente... Também no meu tempo tive uma paixão infeliz... e sei o que é sofrer..,

—Oh! Sr. Cesário, salve-me!...

—Que posso eu fazer? Não sabe o senhor que ela hoje não pertence nem mesmo ao pai, ao seu próprio pai? Pertence a palavra de honra, e palavra de mineiro não volta atrás... Não sabia o senhor disso, quando deixou que o amor lhe entrasse pelos olhos?... Mulheres não pensam... mulheres o que querem é ver os homens derretidos por elas... sacrificam tudo... e por um requebro pinçam na rua a honra de suas casas ..

—Não, protestou Cirino, ela não é assim...

—Então é melhor que as outras? objetou Cesário com desdém.

—Sim, sim, é melhor do que tudo deste mundo. Acima dela, só Nossa Senhora! . . .

Ligeiramente sorriu o mineiro.

—Qual! observou ele, bem disse o outro: a paixão é um transtorno. Fica um homem que nem uma miséria! É. . .

—Então? interrompeu Cirino.

—Então o quê?... Já lhe não disse quanto basta? Minha afilhada pertence tanto a Manecão, como uma garrucha ou um guampo lavrado que Pereira lhe tivesse dado... Não há meios e modos de voltar atrás...

Não desanimou o mancebo.

Falou por muito tempo com verdadeira eloquência, apelando principalmente para a proteção que todo o cristão tem obrigação de dispensar ao ente que leva à pia batismal, a seu segundo filho, ao pagãozinho por quem o padrinho se torna responsável perante Deus.

Feriu o sentimento religioso do mineiro e comoveu-o.

—Não me fale assim, contrariou este, o senhor quer ver se me puxa para o seu lado... E quem me assegura que Nocência gosta tanto da sua pessoa?... Quem?

—O coração está-lho dizendo baixinho, respondeu com calma Cirino. O senhor, que é homem de honra, acredita que eu esteja mentindo? Que tudo isso é falso?... diga, acredita?

Cesário tartamudeou:

—Sim... Assunto verdades, mas...

—Ah! exclamou Cirino, o Sr. sente a consciência bater-lhe que sua afilhada está desamparada, que vai ser sacrificada... e agora tapa os ouvidos e diz: Não quero ouvir, não quero cumprir a minha palavra! Por que a deu então o Sr. . . essa palavra de honra de que tanto fala?... Nossa Senhora que a proteja... que a tire deste mundo .. Isso há de pesar-lhe no peito... e, quando um dia tiver notícia que Inocência morreu de desgostos, há de dizer lá consigo que ajudou a cavar-lhe a sepultura.

Estava Cesário abalado; com verdadeira ansiedade retorquiu:

—Que histórias me conta o Sr.? Eu metido no meu canto... vivendo tão sossegado... não bulindo com ninguém, e agora anarquizado por estes mexericos! . . . Quem o mandou vir cá?

—Quem seria, retrucou Cirino, senão Inocência? Porventura eu o conhecia?... algum dia o vi?... Não; foi aquele anjo que me

disse: busca meu padrinho, 6 o último recurso. Se ele não nos amparar, então... estamos perdidos de uma vez.

Estas palavras convenceram de todo Cesário.

Ficou em silêncio, recolhido, a meditar; Cirino o observava ofegante.

—Pois bem, disse por fim o mineiro em tom grave e pausado, hei de pensar no que o Sr. me conta...

—Oh! Sr. Cesário!...

—Levarei dois dias a remoer sobre o caso... O que disse uma vez, não digo duas... No fim desse tempo, monto a cavalo e apareço por casa de Pereira...

—Sim, sim, balbuciou o moço.

—Amanhã mesmo, de madrugada, o Sr. sal daqui e vai esperar-me na Senhora Sant'Ana.

—Irei... salve-me...

Cesário parou um pouco.

—Agora, quero que o Sr. me faça um juramento... pelas cinzas de sua mãe.

—Estou pronto.

—Pela salvação de sua alma...

—Pela salvação de minha alma, repetiu Cirino.

—Pela vida eterna...

Cirino acenou a cabeça.

— Jure!

O mancebo cruzou os dois índices e beijo-os com unção abaixando os olhos e empalidecendo.

—O Sr., disse Cesário, Jurou antes de saber o que era... Deu-me boa idéia do seu caráter... Farei tudo por ajudá-lo, mas exijo-lhe uma condição... Se quiser aceitá-la, fica valendo o juramento; senão... o dito por não dito...

—Que será, meu Deus? murmurou Cirino.

—E ficar o Sr. esperando em Sant'Ana. Se eu aparecer por estes oito dias, iremos juntos à casa do compadre. Se não, é que decidi contrário. Neste caso, virá o Sr. até cá e aqui esperará as suas cargas que mandarei buscar. Será sinal de que nunca mais há de procurar botar as vistas em Inocência... nem sequer falar nela. Aceita?

—Aceito, respondeu o moço com exaltação; mas fique certo de uma coisa: se o Sr., no tempo marcado, não estiver na vila, reze por alma de Cirino, porque ele terá deixado este mundo de aflições.

Cesário meneou tristemente a cabeça e retirou-se, sem dizer mais palavra.